

INDIFERENTISMO RELIGIOSO E A CONSCIÊNCIA MORAL CRISTÃ

Ernandes Rocha Sene¹

RESUMO

O presente artigo analisa a chaga do indiferentismo religioso predominante no atual cenário pós-moderno e seu impacto na consciência moral cristã, que obscurece o sentido da vida e da própria tomada de decisão no âmbito cristão, propondo uma inversão e crise de valores evangélicos, gerindo assim, na consciência do homem uma deformação moral cristã. Ademais, apresentamos uma consciência moral e reta, capaz de escolher entre fazer o bem e evitar o mal. Além disso, diante dos cenários atuais, o artigo argumenta sobre a necessidade urgente de uma nova evangelização, capaz de reavivar a fé, fortalecer a consciência moral e restaurar os valores e não deformar, em um mundo marcado pelo indiferentismo, crise de sentido, secularização, endeusamento de si. Assim, é válido ressaltar que a educação sob o viés da consciência moral contribui para um mundo mais justo, humano e fraterno, valorizando a vida e a dignidade humana.

PALAVRAS CHAVE: consciência – indiferentismo - religião – sociedade – moral

ABSTRACT

This article analyzes the scourge of religious indifference prevalent in the current postmodern scenario and its impact on Christian moral consciousness, which obscures the meaning of life and moral consciousness, proposing an inversion and crisis of evangelical values, thus achieving, in human consciousness, a Christian moral deformation. Furthermore, we present a healthy and upright moral conscience, capable of choosing to do good and avoid evil. Moreover, given this scenario, the article defends the urgent need for a new evangelization, capable of reviving faith, strengthening moral conscience and restoring values and not deforming them, in a world marked by indifference, crisis of meaning, secularization, and self-deification. Therefore, it is worth highlighting that the education of this moral conscience contributes to a more just, humane and fraternal world, valuing life and human dignity.

KEYWORDS: conscience – indifferentism - religion – society – morals

¹ Licenciado em Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI. Acadêmico do Curso de Bacharelado em Teologia pelo mesmo Instituto.

INTRODUÇÃO

Partindo das transformações sociais e do avanço das revoluções técnico-científicas ao longo dos séculos, é notório o declínio da religião e a grave crise dos valores morais e éticos, eclipsados por vários erros modernos, dentre eles o indiferentismo religioso que atenua a consciência moral cristã. Com efeito, estimula a descentralização e a relativização da fé, perpetuando-se na sociedade, e instigando na consciência do homem moderno tais como a perda de referências, identidade, valores morais e autenticidade religiosa.

Por este viés, em razão da aceleração do progresso econômico e social, urge na sociedade novas tendências que dialogam ecleticamente entre si e com o mundo moderno. Neste contexto, o ser humano na modernidade, centraliza todo seu conhecimento e diviniza-se a si mesmo, acreditando que pode se virar muito bem sem religião. Por outro lado, a autenticidade da religião é diluída e questionada, gerando assim, uma confusão espiritual e moral na sociedade moderna, e que de certo modo, traz consequências comportamentais e descrença religiosa.

De certo modo, o autêntico cristão, mesmo diante das grandes transformações, sociais, culturais, morais e religiosas, deve-se viver e crer na única Verdade, que é o próprio “Jesus”, que ordena moralmente os caminhos para uma vida social ordenada e eclesial, pautada no respeito, no favorecimento da vida e da promoção da dignidade humana. Em contrapartida, estes eventuais fenômenos externos advindos de uma mudança de época, como o individualismo, o relativismo, o secularismo, hedonismo, a fragmentação religiosa, pluralismo religioso, e o isolamento social, acabam por gerar um distanciamento na humanidade da reta consciência e da verdade religiosa, provocando de tal forma, a decadência da moral e a morte de Deus nas mais diversas instituições sociais.

1. O INDIFERENTISMO RELIGIOSO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

O indiferentismo é compreendido como uma heresia moderna que além da negação da verdade e da autoridade da Igreja, reflete uma degradação espiritual e moral da humanidade, destronando Deus do centro da vida eclesial, social, comunitária e familiar, difundindo assim, seus erros por toda sociedade, tornando-se cada vez mais um desafio para a evangelização nos tempos atuais.

1.1 Indiferentismo religioso – Um fenômeno dentro da Igreja Católica

A Igreja católica, sempre preocupou-se em condenar o indiferentismo, tendo em vista, que já se fazia presente em diversas épocas na sociedade, principalmente com o advento do iluminismo, a reforma protestante e o avanço da modernidade, que com a cultura materialista, hedonista, egocêntrica, relativista e individualista, refletindo na sociedade uma falta de sentido na vida, sem referência, um vazio espiritual e existencial, depreciação moral e um esvaziamento das Igrejas e seus confessionários, cujo “real valor da confissão de fé é colocada em dúvida, não possuindo a força de tornar vivo o princípio do Evangelho - o amor” (AGOSTINI Apud RATZINGER, 2011, p. 36).

Diante disso, Leão XIII manifestou-se afirmando que o novo direito, aquele dos princípios liberais, conduz ao indiferentismo do estado em relação à religião, é “o ateísmo sem nome” diz ele, é a eliminação da religião católica da sociedade (LEFEBVRE, 1991, p. 41). Isto significa dizer que esta forma de ateísmo disfarçado, busca eliminar a influência da religião na sociedade, levando a pessoa a uma decadência moral e espiritual.

E, quando o homem abandona a religião, abre-se às portas para usufruir às falsas doutrinas do vago misticismo e da superstição, tornando-se indiferente ao sacro. Assim sendo, opunham-se a concepção liberal que “fazia da razão humana o critério único de verdade, negando-lhe a possibilidade de se submeter à revelação” (FAVRETTO, 2015, p. 39). Isto para enfatizar que o pensamento liberal de forma cética questiona a revelação, os dogmas e a própria Tradição, logo o olhar crítico do Papa refletia as preocupações eclesiais com a perda de sua influência e a busca por preservar seus valores tradicionais.

1.2 A reação da Igreja frente ao Indiferentismo religioso

A Igreja como mestra e mãe da Verdade, ao longo dos séculos procura denunciar os erros do mundo moderno, gerido por ideias liberais que objetivam a descristianização na vida humana e da sociedade. Em consequência, sobrepõe-se sobre a fé, a divinização da razão como dogma da verdade e da Revelação, incitando um nivelamento de todas as crenças religiosas, da negação do sacro e acentuando uma sociedade sem Deus e sem religião, de tal modo, negligenciando os valores morais e espirituais pelo poder estatal.

Nesse contexto é possível denotar que tais erros visam ocultar a lei divina, a voz da consciência moral e cristã, invertendo sua principal finalidade na busca da verdade, em “fazer o bem” e “evitar o mal”, obscurecendo a reta razão e desconstruindo os verdadeiros valores morais das mais diversas

instituições sociais (família, escola, igreja e estado), opondo-se à dignidade humana e da consciência.

Em função disso, a Igreja, mediante o sucessor de Pedro, Pio IX, reage através do *Syllabus*³, um documento que condena os crescentes erros modernos, dentre eles esta heresia do indiferentismo religioso. Com o intuito de declarar para a sociedade, o mal que se propaga de forma avassaladora mediante o indiferentismo ameaçando a doutrina, a moral católica e a religião. O Papa Gregório XVI, na sua Encíclica *Mirari Vos* ⁴ (1832) critica o indiferentismo como “aquela opinião perversa...que “reza” que em qualquer profissão de fé se pode conseguir a salvação eterna da alma, desde que os costumes se conformem à norma do que é reto e honesto (DENZINGER, 2015, p. 601, n. 2730).

Nesse intuito, o indiferentismo visa desprezar o sacro, violar a lei do amor inerente ao coração do homem, infectando seu vírus na Igreja Católica, ameaçando e conduzindo ao erro a consciência moral, enxertando o relaxamento da moral e da verdade suprema. Sendo assim, o indiferentismo seria a indiferença em relação às questões religiosas, que levaria à relativização da verdade.

Em linha de continuidade, a Encíclica *Qui Pluribus* (1846), o Papa mariano Pio IX⁵, condena a crença de que a salvação pode ser alcançada em qualquer religião, também, o indiferentismo representa uma ameaça à autoridade moral da Igreja e a unidade da fé cristã, entretanto, foi decretado no Sylabo n. 16: “As pessoas podem encontrar no culto de qualquer religião o caminho da salvação eterna e conseguir a salvação eterna” (DENZINGER, 2015, p. 635, n. 2916). A isto, é válido ressaltar que o indiferentismo:

A isto, visa aquele sistema horrível e contrário à luz da razão, da indiferença de qualquer religião [indiferentismo]; sistema com o qual astutamente, eliminada toda diferença entre virtude e vício, verdade e erro, honestidade e

³ Pio IX fez anexar à Encíclica “*Quanta cura*” (cf. *2890-2896), com a mesma data (8 dez. 1864), uma coleção de 80 proposições que ele tinha anteriormente condenado em diversos documentos. Para avaliar o sentido dos conteúdos e o alcance da condenação importa ter presente o contexto e o caráter do respectivo documento. O sylabo foi elaborado por uma comissão de cardeais tendo como base uma instrução pastoral do bispo Gerbert de Perpignan (1860), cujas 85 proposições, resumidas em 61, reaparecem no sylabo (DENZINGER, 2015, p. 632).

⁴ “Encíclica *Mirari vos*”, 15 ago. 1832 Ocasão desta encíclica foi a posição de Felicité de Lamennais, o qual no jornal “*L’Avenir*”, por ele fundado em 1830, difundia ideias liberais, que Gregório XVI rechaçava como “indiferentismo”. Lamennais e o seu jornal, que conseqüentemente ele teve de suspender, não são nomeados (DENZINGER, 2015, p. 601).

⁵ PIO IX: 16 jun. 1846 – 7 fev. 1878, nascido Giovanni Maria Mastai-Ferretti, foi Papa entre 16 de junho de 1846 e 7 de fevereiro de 1878. É o segundo pontificado mais longo da história depois de São Pedro. Foi beatificado em 3 de setembro de 2000, pelo Papa João Paulo II. Foi o primeiro Papa da história a ser fotografado. Seu papado ficou marcado pela destituição dos chamados Estados Eclesiásticos, pois Pio IX comandava o Trono de Roma quando os revoltosos empreendiam o Ressurgimento, que levou à unificação da Itália como Estado Nacional, comandado pelo rei Vittorio Emanuele II. Disponível < <https://artsandculture.google.com/entity/m0f4wb?hl=pt>> em 17/08/24.

desonestidade, vão inventando que os homens podem conseguir a salvação eterna em qualquer religião (DENZINGER, 2015, p. 613, n. 2785).

De igual modo, predomina fortemente a ideia de que todas as religiões seriam válidas e as conduziriam a pessoa à salvação de sua alma, adversa a todas as leis morais e éticas, projetando uma dificuldade em distinguir o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, o honesto e o desonesto, certo e o errado. Dessa maneira, confundem-se de forma relativizada e exprimindo, que “a Igreja não tem o poder de definir de modo dogmático que a religião da Igreja Católica é a única e verdadeira religião” (DENZINGER 2015, p. 635, n. 21).

Partindo por esta afirmação, constata-se que a Igreja Católica reconhece a existência de diferentes religiões e culturas, mas defende que a verdade plena sobre Deus e a salvação só se encontra em Jesus Cristo e na sua igreja, tendo em vista, o contexto no qual abrangia uma visão mais restrita de salvação. Todavia, no contexto atual faz-se necessário, reconhecer a diversidade de crenças e buscar o diálogo com outras tradições religiosas, sempre com respeito e abertura.

Assim também, na Encíclica *Singulari Quidem* (1856), o Papa Pio IX reitera a condenação do indiferentismo, heresia esta que acentua que por si só alcança a salvação, sem necessidade da Igreja. Mais ainda, espalhou seu erro sobre a sociedade moderna, implicando na adesão a fé autêntica na Igreja católica. E com efeito, os adeptos ao indiferentismo “pensam que chegarão à vida eterna as pessoas que vivem nos erros e afastadas da verdadeira fé e da unidade católica (DENZINGER, 2015, p. 626, n. 2865).

Segue ainda, a Encíclica *Ubi Primum* (1898) do papa Leão XIII, que condena o indiferentismo e o acentua como seita, ensinando que por Deus foi dada a cada pessoa ampla liberdade, para que qualquer um, sem perigo para a salvação, possa abraçar e adotar a seita ou opinião que segundo seu juízo pessoal lhe agrada (DENZINGER, 2015, p. 599, n. 2720), contrapondo a doutrina cristã. É bem emblemático, a condenação desta proposição no Sylabo de Pio IX: “Cada pessoa é livre de abraçar e professar a religião que, guiado pela luz da razão, julgar verdadeira” (DENZINGER, 2015, p. 630, n. 2890).

A Igreja Católica sempre considerou o indiferentismo religioso uma grave ameaça à fé. Os documentos pré-conciliares, como a *Mirari Vos* e a *Quanta Cura, Ubi Primum* condenaram essa doutrina de forma contundente. O Concílio Vaticano II, por sua vez, trouxe uma nova perspectiva para o diálogo inter-religioso, sem comprometer a centralidade de Cristo na salvação. Portanto, as encíclicas papais que combatem a heresia do indiferentismo religioso, que menospreza a autenticidade da religião, negligenciam o fervor e os deveres ao compromisso

da evangelização, nos ajudam e nos alertam para a necessidade de viver a fé de forma autêntica e comprometida, evitando a superficialidade e o descrédito religioso.

2. A CONSCIÊNCIA MORAL E OS DESAFIOS DA ATUALIDADE

A Igreja Católica entende a consciência como um dom divino intrínseco no coração, um juízo da razão que nos orienta a praticar o bem e evitar o mal, conduzindo o indivíduo a uma conduta reta e uma reflexão iluminada pela lei divina, que ordena a moralidade cristã.

2.1 Relação da consciência moral na moral católica

A doutrina da moral católica, fundamentada na fé cristã e nos ensinamentos da Igreja, oferece um novo olhar sobre a pessoa humana, reativando à partir do Concílio Vaticano II, uma nova perspectiva sobre a consciência moral, redirecionando a moral católica à partir das Sagradas Escrituras, no seguimento a Jesus Cristo “a nova e Eterna Lei”, e a dignidade da pessoa humana. Tendo base na Sagrada Escritura, a consciência (*synesis*) repercute no Antigo e Novo Testamento como uma “voz misteriosa” vinculando-nos a Deus e ao Bem, que o homem escuta e decide como uma realidade interior de tomar decisões.

É nesse sentido, que a Bíblia chamou esse único núcleo de “coração” que constitui o centro da vida espiritual, advertida pela interiorização da “lei divina” gravada no coração do homem (Rm 2,15), que interpela no coração humano um princípio de obediência a “amar e fazer o bem” e a “evitar o mal” (CIGC 1776 p. 480), ou seja, capaz de emitir um juízo moral. Isto é, a capacidade de agir e tomar decisões.

Em consoante, o moralista Bernhard Haering atribui a consciência como “uma faculdade moral da pessoa, o núcleo íntimo e o santuário em que ela se conhece pelo confronto com Deus e com seus semelhantes” (HAERING, 1979, p. 208). Uma outra concepção de consciência, nos é apresentada, pelo moralista Marciano Vidal, como “a última instância da decisão moral” (VIDAL, 1978, p. 279). Podemos compreender, então que, os princípios e ensinamentos religiosos podem moldar a percepção do certo e do errado, e a consciência pode se tornar uma espécie de voz divina interior, que vai exercer através de um discernimento, distinguindo o que é bom ou mau.

Com efeito, a Igreja, através do seu Catecismo, acentua que é importante nos voltarmos para dentro desta interioridade, deste “sacrário da alma” para que assim escutemos a voz de

Deus no mais íntimo de nosso ser. Desse modo, a reflexão à cerca da consciência, que nos é apresentada, segundo o Catecismo da Igreja Católica, expressa-se da seguinte forma:

A consciência “é uma lei de nosso espírito que o ultrapassa nosso espírito, nos faz imposições, e significa responsabilidade e dever, temor e esperança [...]. Ela é a mensagem daquele que, tanto no mundo da natureza, como no da graça, nos fala veladamente, nos instrui e nos governa. A consciência é o primeiro de todos os vigários de Cristo” (CIgC, 1983, n. 1778, p. 481)

Neste sentido, a consciência é a faculdade humana mental que pertence ao núcleo da espiritualidade humana, que coordena todos os elementos da moralidade, tanto objetiva como subjetiva, porém, como é própria da individualidade de cada um. Nesse sentido, a consciência representa aquilo que a pessoa é, com seus valores evangélicos e suas virtudes morais, que lhes ordenam para viver bem e de forma integrada na sociedade.

De forma enfática, o professor Sabatino Majorano, define a consciência como “o juízo ou ditame prático da razão, com o qual julgamos, o que aqui e agora, deve ser feito porque é bom ou deve ser evitado porque é mau” (MAJORANO, 1994, p. 102). Isto significa que, a nossa consciência funciona como um tipo de juiz interno, que discerne nossas ações boas ou más, e que ela nos ajuda a tomarmos as decisões no agir de acordo com os nossos valores e princípios. Por outro lado, fala-se sobre a consciência como “uma força dinâmica que reside entre a vontade e o intelecto, porque ambas permanecem juntas nas dimensões mais profundas da nossa vida psíquica e espiritual (HAERING, 1979, p. 219). Sendo assim, a consciência não está restringida apenas na superfície mental, mas além das integrando as experiências emocionais e racionais. Contudo, a consciência cristã, caminha sempre na busca da verdade, por isso, coloca o ser humano diante de sua liberdade determinada pela fé.

Em suma, a consciência visa a tomada de decisão do agir moral na realidade interior chamada “coração” que nele habita uma relação de intimidade consigo mesmo e com Deus. Também, é pensado como um lugar de encontro, permitindo ouvir sua voz e não se deixar ser enganado por outras vozes que ressoam ao nosso redor para nos distanciar da verdade. Desse modo, é por meio do cuidado desta vida interior que chegaremos ao nosso fim último. Portanto, é necessário prevalecer e perseverar na reta consciência em conformidade com as normas objetivas da moralidade, decidir-se pelo bem e evitar o mal.

Nesse sentido, os documentos conciliares oferecem uma profunda reflexão sobre a fé católica, buscando uma atualização da linguagem e uma adaptação para responderem aos novos desafios impulsionados pela modernidade, em tempos de rápidas mudanças.

Com isso, a moral católica, a partir do Concílio Vaticano II, inicia um processo de renovação, deixa-se de centralizar-se no rigorismo da lei para a “escuta da voz” de Deus. Por isso, tem-se um olhar centralizado na pessoa de Jesus Cristo, na Sagrada Escritura e na dignidade da pessoa humana. Alguns documentos conciliares abordam a dimensão da consciência como “sacrário inviolável” da pessoa humana, onde somente Deus e eu, podemos fazer a “sós” a experiência de uma profunda intimidade, entre o Criador e a criatura, sobretudo, descobre a essência da lei divina inscrita no coração, como fonte de amor à Deus e ao próximo, tornando-a como modelo por excelência da vida cristã.

Assim sendo, o padre redentorista Bernhard Hearing, redator da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (Alegria e Esperança) que a define a consciência dentro desta visão conciliar da seguinte maneira: “A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, na qual se encontra a sós com Deus, cuja voz, se faz ouvir na intimidade do seu ser (GS 16, 2003, p.21). Isto significa dizer que, somente no íntimo do homem, existe um lugar de encontro e do diálogo com Deus, e neste lugar existe uma “voz”, uma lei divina, que está intrinsecamente conectada pela busca da verdade e do bem é capaz de viver uma fé autêntica, convicta e capaz de promover o bem comum, guiado por princípios morais e virtudes que gerem amor e justiça na sociedade. Para tanto, é válido ressaltar a fala de Nilo Agostinho: “Entendemos, então, que o divino toca o humano, aquilo que ele tem de mais profundo, a consciência” (AGOSTINI, 2011, p. 147).

No entanto, São João Paulo II, na Carta Encíclica *Veritatis Splendor* (O Esplendor da Verdade – 1993) acentua a consciência da seguinte maneira:

No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impõe a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus: a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado (JOÃO PAULO II, 1993, n. 54).

Através disso, a luz de Deus penetra no coração do homem e o inspira a viver uma vida centrada em Deus, buscando sempre Sua vontade e guiando-nos por Seus princípios. Seguindo assim, é na própria consciência o lugar propício onde é sacralizada a experiência de Deus – “núcleo secretíssimo e o sacrário do homem” (CIgC, 1776), auxiliada pela graça divina e os ensinamentos da Igreja.

Assim, através desse essencial esforço agirá de forma correta, pois, o ser humano deve obedecer ao juízo certo de sua consciência moral, logo, a contínua recusa do amor gera o endurecimento do coração, indiferença ao sagrado e a incapacidade para amar, tornando-se

infrutífero, pois se conhece uma boa árvore pelo fruto, desse modo, graves consequências podem interferir nas relações sociais.

2.3. A Consciência e a dignidade da pessoa humana

De acordo com a Encíclica *Populorum Progressio* do papa Paulo VI, ao declarar a Igreja “perita em humanidade” (n.13) e atenta aos sinais dos tempos, a Igreja Católica, através da moral, tem seu olhar voltado para a pessoa humana, cujo interior, especificamente no coração prescreta uma “lei escrita pelo próprio Deus, e a sua dignidade está em obedecer-lhe” (PAULO VI, n.16, 2003, p. 21).

Todavia, dar-se-á, o cumprimento da mensagem evangélica de Jesus que é o “fundamento da moralidade cristã (HAERING, 1979, p. 94): “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Nesse sentido, o Catecismo da Igreja Católica, afirma que: “A dignidade da pessoa humana implica e exige a retidão da consciência moral (CigC, 1993, n. 1780, p. 481). Desse modo, essa retidão implica na vida do ser humano, vivenciar os princípios morais e éticos, na busca constante da escuta da “voz interior” que coordena e ordena os caminhos da humanidade na vida moral na sociedade consciente e livre.

No entanto, o coração representa a consciência e nela está contida todos os valores morais, sendo assim, a partir do Concílio Vaticano II, cria-se uma nova perspectiva para o olhar da pessoa humana, cujo “valor moral não consiste apenas nos atos e gestos externos, mas no coração que o inspira e o determina” (MAJORANO, 1994, p. 71).

Dentro desta perspectiva, faz-se necessário uma abertura de coração, de acolhida, de proximidade, reciprocidade para o com o “outro”, por isso, a consciência é uma função da pessoa e para a pessoa” (VIDAL, 1978, p. 492), portanto, “a pessoa toda é chamada por Deus, para Deus e para o bem” (HAERING, 1979, p.211).

Nesse interim, a Igreja é desafiada por uma cultura social antropocêntrica e egocêntrica, é convidada a se colocar e a ser uma “Igreja Samaritana e solidária” (DAp. 2007, n. 26, p. 23), isto é, uma Igreja que olha, acolhe, cuida de cada um desde a concepção até o mais cruento e doloroso momento da morte que perpassa em quaisquer circunstâncias da vida humana, lembrando que a práxis evangelizadora une-se à promoção humana e à autêntica libertação cristã.

Dentro desta nova perspectiva, somos convidados a exercer um olhar de misericórdia aos excluídos e descartados da sociedade, ressignificá-los e, assim, contemplarmos o rosto misericordioso de Deus. Entretanto, podemos citar o exemplo da parábola do Bom samaritano

(Lc 10, 30-37) que agiu com misericórdia e caridade para com o próximo, alcançando assim, uma vida perfeita por sua tomada de decisão, pois a vida perfeita consiste em ser misericordioso, logo, perfeição e misericórdia estão intrinsicamente no mesmo plano, alcançando assim, o convite de Jesus “sede perfeitos, portanto, como o Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48). Como afirma Bernhard Haering, na obra *A lei de Cristo*:

Na realidade, agir segundo a consciência, supõe que se tome em consideração não somente o que por si é lícito, mas também, as circunstâncias concretas e principalmente as consequências de nossas ações em relação à salvação e do próximo. É necessário que a consciência cristã seja, antes de tudo, sensível ao dever da caridade (HAERING, 1960, p. 202).

De acordo com a obra *Práxis Cristã – Moral Fundamental* de R. Ricon Ordunã, o autor refere-se ao coração como “testemunha da conduta, como lugar onde se faz presente o mandato de Deus, como fonte de toda vida moral, como órgão exclusivo da percepção e descoberta dos valores” (RINCON, 1983, p.330). Contudo, compreendemos que o coração é visto como um registro das nossas ações e escolhas. Ele “lembra” tudo o que fazemos, tanto o bem quanto o mal, servindo como uma espécie de testemunha interna de nossa conduta. Com efeito, a dignidade humana se realiza plenamente nas relações com os outros, na comunidade e na sociedade à luz do Evangelho de Jesus Cristo.

Contudo, com a ascendência das transformações tecnológicas e a mudança de época, a sociedade, tende a enfrentar novos desafios impressos numa nova mentalidade que gera uma crise religiosa e moral, impregnando a dúvida, a falta de compromisso nas instituições religiosas por falta de tempo e um sentimento de não pertença a nenhuma crença religiosa, aderindo assim, a uma praga tão antiga e ao mesmo tempo nova - o indiferentismo religioso.

3. O IMPACTO DO INDIFERENTISMO RELIGIOSO NA CONSCIÊNCIA MORAL CRISTÃ

No contexto de mudança de época, que predomina o avanço tecnológico e a disseminação avassaladora da economia industrial a partir do modo de produção capitalista, de correntes racionalistas, materialistas, o pensamento liberal e o secularismo, a sociedade moderna, aflora uma crise ética-moral e religiosa. Com efeito, a inversão dos valores compromete a vivência de uma verdadeira vida cristã na comunidade eclesial, reduzindo a instituição religiosa, não como um pré-requisito para a fé, mas apenas manter a fé de forma independente e livre no transcendente, o que mais agride a religião.

Seguindo por este viés, o homem cria sua própria religião, “endeusa-se” para agradar a si próprio para promover-se e garantir privilégios. Contudo, esta tendência egoísta e narcisista representa um contravalor e ameaça à moral cristã, que prioriza a proximidade, as virtudes morais, a promoção da dignidade humana, e com isso, implica profundamente na causa da deformação da consciência moral cristã, que ameaça a tomada de decisão perante à lei inscrita no coração do homem, fechando-se a “voz” da consciência, que ecoa no seu interior para agir conforme a reta conduta moral.

No entanto, é assim, que o indiferentismo religioso atua na sociedade pós-moderna, fragmentando o sentido de pertença da religião, e que a própria religião não é capaz de dar respostas para o homem moderno, que seduzido cada vez mais por um pluralismo religioso e autônomo, cada religião cria sua própria concepção de Deus, perdendo até mesmo a sua identidade religiosa e gerando uma crise de sentido da vida.

É notório observar, que cada vez mais as pessoas vão esfriando a sua fé, questionam e negam a verdade, distanciam-se dos deveres religiosos, profanam as Igrejas, esvaziam-se os bancos e os seus confessionários, conseqüentemente, crescem as clínicas psiquiátricas, o suicídio, misticismo e superstições são algumas das mais variadas conseqüências do desprezo da fé cristã, que desafiam a tradição religiosa, seus valores e doutrinas crescendo assim, fervorosamente o desinteresse e a falta de compromisso com as instituições religiosas, tornando-se independentes de crença.

Dentro desta sociedade pós-moderna, embora haja um pluralismo religioso diversificado, cria-se uma mentalidade de modelar “Deus” de acordo com cada pessoa e necessidade, um “deus” mágico, imediato que responda as minhas satisfações e desejos, ou seja, o ser humano manipula e adentra esta essência divina ao meu bel-prazer, e com isso, predomina uma mentalidade ideológica subjetiva de que o ser humano e não mais Deus, é o centro do universo, mas sim o homem que o destrona da vida cotidiana nos mais diversos espaços sociais. Desse modo, o professor psiquiatra espanhol Enrique Rojas, enfatiza que:

O homem moderno não é religioso nem ateu, ele construiu uma forma particular de espiritualidade segundo sua própria perspectiva. É ele quem decide o que está bem e o que está mal e seu sonho de infinito começa por uma satisfação materialista (dinheiro, poder, honrarias, postos importantes) e termina fabricando uma ética a sua medida (ROJAS, 2016, p. 141).

Os impactos ocasionados na sociedade hodierna salientam uma crise nas relações em famílias, nas Igrejas, nas escolas, no trabalho, enfim, essa realidade indiferentista, que infiltra na sociedade causa uma desordem moral e religiosa, com o intuito de colaborar para a

desumanização coletiva da sociedade e estreitando a edificação do bem comum na sociedade.

Desse modo, na Encíclica *Veritatis Splendor*, São João Paulo, diz que:

A Igreja põe-se sempre e só ao serviço da consciência, ajudando-a a não se deixar levar cá e lá por qualquer sopro de doutrina, ao sabor da maldade dos homens (cf. Ef 4, 14), a não se desviar da verdade sobre o bem do homem, mas, especialmente nas questões mais difíceis, a alcançar com segurança a verdade e a permanecer nela. (JOÃO PAULO II, 1993, n. 64 p. 101).

Com base neste argumento, é notório observa a preocupação da Igreja na formação dos indivíduos, para que não sejam manipulados e domesticados conforme os interesses ideológicos que perscruta a consciência moral. Uma vez que, prioriza a busca incansável pela busca pela Verdade, oferecendo caminhos seguros na realização e vivência cristã plena da realização da pessoa humana em conformidade com os ensinamentos de Jesus Cristo, o qual, é o centro de toda norma moral e cristã. Em consonância, encontramos a verdadeira felicidade, como afirma, Nilo Agostini, “o próprio Jesus é o exemplo da vida moral que chega a propor o amor aos inimigos, inclui os pobres, chama os pecadores, encontra-se com gente desqualificada e toma refeição com ricos. Todos que se arrependem terão parte no reinado de Deus (AGOSTINI, 2019, p. 69). Por outro lado, numa visão pós-conciliar, inclui uma nova perspectiva que “não se salvam, porém, aqueles que, embora pertencendo a Igreja, não perseveram no amor. Estão no seio da Igreja apenas pelo corpo não pelo coração” (LG, 2007, n. 14, p. 198).

Com efeito, a consciência moral é um dos pilares da dignidade humana e não pode ser violada pela força opressora moderna, que reduz o ser humano e sua dignidade em produto lucrativo e descartável. Consequentemente, desintegrando-se das relações interpessoais, instrumentalizando-se por causa do avanço tecnológico, que impera sobre o valor da vida humana numa sociedade consumista e massificada, estimulando o individualismo, a cultura do descarte, desvalorização da espiritualidade e das instituições religiosas.

Sobretudo, desequilibrando o coração do homem como esta “fonte de moralidade do agir ético”, podendo atuar de forma irracional ao sofrimento alheio. Assim, o padre Júlio Meinvielle, colabora da seguinte forma, reafirmando que “os desequilíbrios dos quais padece o mundo de hoje estão conectados com o desequilíbrio mais fundamental que reside no coração do homem” (MEINVIELLE, 2023, p. 354).

Em contrapartida, o indiferentismo religioso, na sociedade pós-moderna implica no esvaziamento das crenças religiosas, e conduzindo o indivíduo ao grave erro, de “que em qualquer profissão de fé se pode conseguir a eterna salvação da alma, desde que os costumes

se conformem à norma do que é reto e honesto” (DENZINGER, n. 2730, p. 601), por isso, há uma necessidade de uma reflexão sobre o papel da fé, neste tempo de mudanças de época e de mentalidade.

Além disso, o indiferentismo religioso acarreta dentro do âmbito religioso impactos negativos no crescimento moral e religioso na vida coletiva ou individual, isto devido à grande dificuldade para transmitir a fé, e conseqüentemente ocorre um enfraquecimento comunitário e gerando também um vazio existencial, de tal modo que a fragilidade e a insensibilidade fragilizam os laços comunitários.

É notório a fraqueza, desânimo e dúvida nas mais diversas comunidades, que a estes fatores encontram certas dificuldades na evangelização, resistem ao apelo missionário de ir anunciar, porque querendo ou não perderam a identidade religiosa e perda de sentido de sua fé, tornando vazio e ao mesmo tempo indiferente com a própria religião. Por outro lado, o relativismo, pode-se dizer que é fruto de uma falta de fé bem como do indiferentismo religioso, e que gera uma confusão espiritual e uma deformação da consciência moral, atribuindo que nenhuma religião é superior a outra, e que dificulta distinguir o certo e o errado, ignorando a lei natural intrínseca no coração do homem “fazer o bem” e “evitar o mal”, com isso, o ser humano tem dificuldade de distinguir o bem e o mal.

Perante essa situação, Nilo Agostini, relata na obra *Moral Fundamental*, que: “a crise atinge o ser humano em sua consciência” (AGOSTINI, 2019, p. 33). Desse modo, ainda segundo o autor citado, a própria CNBB já reconhece que chega à deformação das consciências, que aceitam como ‘normal’ ou ‘inevitável’ o que não tem nenhuma justificativa ética” (CNBB – 31ª Assembleia Geral, 1993, n. 1, p.6).

Por isso, a compreensão desta crise, ao gerar dúvidas e aflições, pode provocar na consciência das pessoas a busca de soluções imediatas, mesmo que essas soluções sejam moralmente questionáveis ou não para construir uma sociedade mais justa e fraterna. Segundo Marciano Vidal, a deformação da consciência reta pode se dar por diversos caminhos: pela preocupação em despreocupação em procurar a verdade e o bem; pela violação contínua da própria consciência, e assim, “a consciência vai se obscurecendo pelo hábito do pecado” (VIDAL, 1978, p. 314). Nesse sentido, em contraposição a permanência do erro e a decisão pelo pecado, a Igreja reconhece que:

Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer a reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe

da arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objetivas da moralidade (GS n. 16, 2003, p. 22).

Outrossim, com a expansão e o aperfeiçoamento da tecnológico, a vida humana está permeada pelos princípios da modernidade, cujo sujeito, torna-se refém das tendências culturais capitalistas e consumistas que fragmentam as relações sociais com efeitos degradantes sobre a vida humana, realçado pelo fenômeno do individualismo, ou seja, o indivíduo é o centro das atenções, toma suas próprias decisões, satisfaz seus próprios interesses, com efeito há um perigo de um certo egoísmo, tornar-se indiferente com o próximo e permanecer estático no seu mundo físico ou virtual.

Contudo, o Papa Francisco nos adverte sobre a cultura do mundanismo espiritual, tão presente que “se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (EG, n. 93, p. 95). Dentro da sociedade que perdura a cultura do descartável e da aparência, faz-se o uso da religião apenas na realização de si próprio como recompensa de alcançar privilégios e status sociais. Para tanto, a religião é um caminho de transformação, salvação e serviço, não apenas uma fachada religiosa em busca de alcançar méritos egoístas, que centralizam poder exclusivista.

Somando a estes determinados elementos ideológicos modernos, pode-se visivelmente perceber no mundo moderno, o fenômeno da secularização, que segundo o frei Boaventura *Kloppenburger* define como “um processo geral de libertação, pelo qual o homem, a sociedade e a cultura seriam libertadas da tutela e do controle do mito, da religião e da metafísica ou das normas ou instituições dependentes do âmbito sacro ou religioso” (KLOPPENBURG, 1970, p. 17). Este fenômeno da secularização refere-se à decadência da religião na sociedade moderna e a diminuição de sua influência e centralidade na sociedade, enfraquecendo suas práticas e deteriorando o comportamento moral e ético perdendo forças e autoridade nos mais variados setores da sociedade, estigmatizando a religião, descentralizando-se da vida como projeto de salvação.

Enfim, diante de todas essas mudanças que fragmentaram e ideologizaram novas ideias para uma satisfação subjetiva, que caíam sobre a forma de vida na sociedade e geraria um caos no comportamento da humanidade, é notório o imediatismo que estes fenômenos modernos progrediram na sociedade, e surgindo assim, um novo rosto do homem moderno que se delicia e propaga de forma pervertida na vida social e religiosa.

Mediante este triunfo do modernismo na sociedade pós-moderna, repercute um sentimento niilista que paira sobre a força motivadora da religião, sendo desacreditada, não havendo mais atração por nenhuma crença, tornando a religião irrelevante e sem valor moral na construção do bem comum na sociedade.

Com efeito, apresentam consequências drásticas na vida do homem moderno como a perda de referências de suas próprias crenças e fragmentação da identidade religiosa, crise de sentidos, vazio espiritual existencial, o endeusamento de si mesmo, o culto ao corpo, o individualismo, desinteresse pela evangelização, a mal conduta moral e a consciência deformada pelos impactos de novas ideologias que profanam e distanciam o humano do divino, enfim, essa chaga se prolifera, gerando um risco à salvação das almas.

Contudo, torna-se um inimigo da consciência moral reta e da religião, impedindo o ser humano de crescer em virtude e a viver em comunhão com Deus e com os outros, no exercício do bem com e na promoção da dignidade humana. Por outro lado, faz-se necessário retornar a escuta da voz de Deus, exercitando e formando a consciência moral, e abraçando Jesus Cristo, este sim, é resposta e solução da problemática da crise humana, bem com pode-se colaborar no ordenamento do progresso político, científico e moral, fazendo *jus* aos valores éticos, cristãos e morais que transubstanciam e priorizam a vida do ser vivente.

Portanto, diante do surgimento de tantas ideologias que priorizam as ações humanas, e desconfiguram o sagrado, a reta consciência e o bem, assim, de tal modo, o indiferentismo religioso, ao negar a verdade e a doutrina cristã, rejeita o caminho da vida eterna, conduz ao erro, à confusão e a perda da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da atual conjuntura social, é notório na modernidade a influência dos erros modernos que atuam na sociedade, ameaçando seus costumes, crenças e tradições. Por este viés, a virtude da fé e a moral são banalizadas perante as forças ideológicas que incitam ao ser humano manipular Deus e a doutrina moral conforme seus próprios interesses. Seguindo assim, cada pessoa escolhe e segue uma religião de acordo com suas necessidades e desejos, criando-se uma espécie de “deus” para suprir seus prazeres e promover a si próprio, implicando numa espiritualidade superficial e descompromissada com as instituições religiosas em nome do progresso e do bem-estar social.

Desse modo, perpetua-se uma crise religiosa e cultural, que valoriza o relativismo e o indiferentismo religioso naufragando os valores cristãos, morais e éticos numa sociedade que

privilegia e exalta o consumismo e o capitalismo desenfreado, acima da fé, consequentemente acarreta uma deformação da consciência moral e da dignidade humana ameaçando assim, à vivência de uma moralidade cristã.

Sendo assim, o ser humano torna-se alvo de produção econômica, cuja força capitalista, reduz o indivíduo a um mero objeto de produção de lucro, privando e negligenciando a religião, que na modernidade gera a perda de referencialidade e identidade religiosa, também, causa uma perda de sentido e um vazio existencial.

Nesse sentido, é assim, que a heresia moderna do indiferentismo consome e relativiza a religião, desequilibrando e distanciando o ser humano dos princípios e valores religiosos, até mesmo chegando ao ponto de uma evasão em massa de cristãos apóstatas, dentre eles o crescente número de jovens, que se denominam- sem religião, mas que aceitam a fé, mesmo sendo questionada. Por isso, se havia uma preocupação da Igreja em condenar esse e outros fenômenos que se complementam e impõem na sociedade contravalores que aparentemente são bons e essenciais para uma vida moralmente reta, pois, confundem-se mutuamente entre o certo e errado, entre o bem e o mal com características semelhantes.

Em virtude desses fenômenos, esta faculdade de decisão é capaz de fazer o discernimento entre o certo e o errado, de maneira livre para responder e promover a unidade e a paz na vida social perante a obediência e na escuta desta voz interior que ecoa no coração humano e resguarda sua dignidade moral. Contudo, o indiferentismo agride-a de tal forma por meio das ideologias modernas que reduzem a religião a um mero produto cultural e um mercado religioso que garante a salvação, indo contra todos os princípios morais e cristãos.

Sobremaneira, a consciência é um lugar de tomada de decisões e sua principal atividade é a busca da verdade, isto é, o esforço que a consciência faz para corresponder a melhor escolha e alcançar o bem possível. Assim, é pela consciência que as decisões, as soluções e o diálogo promovem a unidade e a paz na vida social, e por meio da educação na fé, também, por meio de formações permanentes, bem como uma vida de intimidade com prática da Sagrada Escritura e na vida de oração, torna-se um caminho eficaz contra aos argumentos ideológicos no mundo moderno. Ainda assim, independentemente da propagação de ideologias contrárias à vida e a moral, há vontade e necessidades de se promover o bem à todos, afinal, nem tudo está perdido, porque ainda existe amor, esperança e caridade.

Em suma, mediante uma consciência formada e educada com uma fé autêntica constituída por uma profunda experiência de Deus, é salutar uma renovação interior mergulhada na convicção e no desejo de permanecer crendo nos verdadeiros valores morais e cristãos, que são transformadores e que nos conduzem ao caminho de um mundo mais humano, justo,

solidário e fraterno. Desse modo, os valores éticos e espirituais sejam o alicerce das relações humanas, edificando uma consciência moral sólida reta, alicerçada em uma fé genuína e profunda em Deus, sendo Ele, a bússola que orienta as nossas decisões e ações pelo seu Espírito Santo que está na interioridade de todo ser humano.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo Frei. *Introdução à Teologia Moral: O Grande Sim de Deus à Vida*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

AGOSTINI, Nilo frei. *Moral Fundamental. Iniciação à Teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

AGUIAR, RUCELINO DE SOUSA. *A consciência: sacrário do encontro entre Deus e o homem*, Belo Horizonte, 2017.

BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

JOÃO PAULO II: *Catecismo da Igreja Católica*. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

DENZINGER, Hünermann. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas & Loyola, 2007.

Documento de Aparecida, *Texto conclusivo da IV Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007*, 2ª edição, CNBB, São Paulo, Paulinas, Paulus, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FAVRETTO, Alexandre Boratti. *A Liberdade Religiosa na Declaração Dignitatis humanae: contexto, gênese temática e debate*, Campinas, 2015.

HAERING, BERNHARD. *Livres e fiéis em Cristo*. Vol. 1. São Paulo: Paulinas, 1979.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Veritatis splendor (Sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja)*. São Paulo: Paulinas, 1993.

KLOPPENBURG, Boaventura. *O Cristão Secularizado*. Petropolis, RJ. Vozes, 1970.

LEFEBVRE, Marcel. *Do liberalismo à apostasia: a tragédia conciliar*. Tradução de Ildefonso Albano Filho. Rio de Janeiro: Editora Permanência, 1991.

MAJORANO, Sabatino. *A consciência: Uma visão cristã*. Aparecida: Santuário, 1994.

MEINVIELLE, Julio. *A Igreja e o mundo moderno*. São Paulo, SP: Editora Verbo Encarnado, 2023.

ORDUNÃ, Rincon R. *Práxis cristã. Introdução a Moral Fundamental*. Tradução: Álvaro Cunha. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

PAULO VI, Papa. *Carta Encíclica Populorum progressio (sobre o desenvolvimento dos povos)*. São Paulo: Paulinas, 1967.

ROJAS, Enrique. *O Homem moderno: A luta contra o Vazio*. Curitiba, PR, ed. Do Chain, 2016.

VATICANO II: *Constituição Pastoral Gaudium et spes: sobre a Igreja no mundo de hoje*.

In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

VATICANO II: *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes. 1º vol. Moral Fundamental*. Tradução: Ivo Montanhese. 5ª edição. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 1978.